

---

## **Teorias do jornalismo e construção da memória: notas introdutórias sobre o primeiro ano da pandemia da Covid-19 no Brasil<sup>1</sup>**

Telma ALVARENGA<sup>2</sup>

Leonel AGUIAR<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é realizar uma pesquisa exploratória para atestar a viabilidade de analisar a cobertura jornalística do primeiro ano da Covid-19 no Brasil dividindo-a por veículos de cinco regiões – A Crítica (Norte), Correio (Nordeste), O Globo (Sudeste), Zero Hora (Sul), Correio Braziliense (Centro-Oeste) – em três momentos distintos -, à luz das teorias do jornalismo. Neste trabalho, de forma introdutória, como parte de uma pesquisa mais ampla de doutorado, foram analisadas 15 primeiras páginas. Juntas, elas formam um mosaico de notícias, que, revisitadas, nos ajudam a construir a memória da pandemia, uma memória ainda em construção. Nossa hipótese é que parte desta memória social compartilhada emerge do jornalismo, que atua simultaneamente como agente e veículo de produção de memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teorias do jornalismo; jornalismo; memória; Covid-19.

### **INTRODUÇÃO**

No dia 26 de fevereiro de 2020, o Brasil registrava o primeiro caso de Covid-19 no país. A partir desse dia, por cerca de dois anos, a pandemia não saíria mais das páginas dos jornais. Pela imprensa, acompanhamos o sofrimento dos parentes das vítimas, a bravura dos médicos e enfermeiros nos hospitais, as descobertas da ciência, a corrida por uma vacina, o negacionismo e os escândalos na Saúde que acabaram provocando a abertura de uma CPI no Congresso Nacional.

A memória da Covid-19 é uma memória em construção. E não é exagero afirmar que parte desta memória social compartilhada emergirá da imprensa, que atua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio. Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade e graduada em jornalismo (PUC-Rio). Integrante do GP Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (CNPq/PUC-Rio). E-mail: telma.alvarenga@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio. Coordenador do GP Teorias do Jornalismo da INTERCOM. Doutor e Mestre em Comunicação (UFRJ). Jornalista diplomado (UFF). Líder do GP Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (CNPq/PUC-Rio). E-mail: laaguiar@uol.com.br

---

simultaneamente como agente e veículo de produção de memória (SCHUDSON, 2014).

Apesar da queda de circulação e audiência dos jornais impressos, ano a ano, nota-se que as primeiras páginas ainda detêm capital simbólico (MOUILLAUD, 1997). Nas redes sociais, pelas quais o brasileiro prefere consumir notícias (CARRO, 2022), elas são lembradas diariamente: reproduzidas pelos próprios veículos jornalísticos em seus perfis, compartilhadas e comentadas pelos usuários.

Nas manchetes, chamadas e reportagens, estão gravados os sintomas de uma época que, revisitados, podem nos ajudar a compreendê-la, com todas as nuances e controvérsias próprias de uma história registrada no fluxo dos acontecimentos.

O passado recente da Covid-19 está gravado nos fragmentos das chamadas e manchetes dos jornais, nas fotografias estampadas nas primeiras páginas, nas reportagens. Desse mosaico de notícias e imagens, que já foi chamado de “colagem” (GIDDENS, 2002), “cozido” (WEBER, 2002) e “justaposição” (ANDERSON, 1991), poderá surgir o retrato dos primeiros 365 dias de uma pandemia que abalou o planeta. Neste trabalho, nosso objetivo principal foi realizar uma pesquisa exploratória para atestar a viabilidade de analisar, à luz das teorias do jornalismo, a cobertura jornalística do primeiro ano da Covid-19 no Brasil, por veículos de cinco regiões - A Crítica (Norte), Correio (Nordeste), O Globo (Sudeste), Zero Hora (Sul), Correio Braziliense (Centro-Oeste) - em três momentos distintos. 1. De fevereiro a março de 2020, quando a pandemia chegava ao país, provocando as primeiras mortes. 2. No mês de julho de 2020, quando a pandemia atingiu seu pico naquele ano. Desde o começo da pandemia, foi quando o país teve o maior número de mortes por Covid-19 em um único mês: 32.912 vidas perdidas. Por fim, entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, quando as notícias sobre a vacina traziam alguma esperança de que o pesadelo chegaria ao fim.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Partimos da premissa de que os discursos jornalísticos são dispositivos que produzem representações sociais da realidade. A investigação sobre os processos de produção da informação jornalística contemporânea diante da maior tragédia sanitária dos últimos 100 anos, em todo o planeta, deve se dar com base nas teorias do jornalismo. Entre elas, a do Gatekeeping, a do Newsmaking e a do Agendamento.

---

A primeira “serviu para explicar o processo de produção da informação como uma série de escolhas: dentre os inumeráveis acontecimentos, só se tornam notícia aqueles que passam por diversos ‘*gates*’ – isto é, as áreas de decisão em relação às quais o gatekeeper (o jornalista) tem o poder de decidir o que deve se tornar notícia” (AGUIAR, 2006).

O termo “newsmaking” surgiu nos anos 1970, seguindo os passos dos estudos de Tuchman, que refuta a teoria do espelho, segundo a qual o jornalismo retrata fielmente a realidade. Para a socióloga, as notícias não são um retrato fiel da realidade, mas “ajudam a constituí-la como um fenômeno social partilhado”. Ou seja, o jornalismo é um construtor social da realidade. Como explica Traquina:

As notícias devem ser encaradas como o resultado de um processo de interação social. As notícias são uma construção social onde a natureza da realidade é uma das condições, mas só uma, que ajuda a moldar as notícias. As notícias também refletem 1) os constrangimentos organizacionais; 2) as narrativas que governam o que os jornalistas escrevem; 3) as rotinas que orientam o trabalho e que condicionaram toda a atividade jornalística; e 4) as identidades das fontes de informação com quem falam (2001, p. 122)

O discurso jornalístico na contemporaneidade torna-se cada vez mais central na produção da memória social ao produzir sentido sobre a realidade social, substituindo cada vez mais o papel que cabia à história.

O jornalismo também ajudaria a fazer a conexão entre o particular e o universal. Barbosa (2005) nota que, com a massificação dos jornais, a sociedade se via refletida e se encontrava com ela mesma por meio das notícias. A autora invoca o pensamento de Heller, para quem “o homem de uma dada época, o humano genérico, é sempre representado pela comunidade “através” da qual passa o percurso, a história da humanidade”. Heller observa que “todo homem sempre teve uma relação consciente com essa comunidade; nela se formou sua “consciência de nós”, além de configurar-se também sua própria ‘consciência do Eu’” (2000, p.21).

O papel do jornalista se confundiria com o do historiador de que tratava Benjamin, que criticava o historicismo positivista do século XIX e sua crença na possibilidade de conhecer o passado tal como ele de fato aconteceu. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo”,

---

afirmou o filósofo alemão (BENJAMIN, 1987, p. 224). “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1987, p.229).

Analisando reportagens do Jornal Nacional durante a pandemia, Ayres e Rezende (2021) concluem que as narrativas midiáticas estudadas “revelam o imaginário disruptivo que será em parte (em conjunto com o esquecimento, evidentemente) constituidor da memória da nação”. As autoras sustentam que, “ainda que por meio de fragmentos e de forma ínfima, somos levadas a recolher as “quase memórias” da história que se desenha para o futuro desse século” (2021, p.115).

Mouillaud (1997) enxerga o jornal como um “operador sócio-simbólico”, que produz sentido diariamente por meio da constituição de um “todo cujas partes estejam coordenadas”. Ou seja, também no pensamento do autor está presente a ideia de produção de memória e de sentido do jornalismo por meio de fragmentos:

O sentido se constrói dia após dia [...]. Trabalho de coerência no espaço, mas também no tempo: assiste-se à invenção do que Umberto Eco, a partir de Aristóteles, chama de a “intriga”, quer dizer, “a procura e o estabelecimento de uma coerência, de uma unidade em uma diversidade, para nós, caótica”. Trata-se de constituir um todo cujas partes estejam coordenadas (1997, p.50-51).

As teorias foucaultianas, especialmente sobre a medicina moderna e seus mecanismos de controle da população, também nos ajudam a refletir sobre o enfrentamento da pandemia e suas consequências globais - não só para os sistemas de saúde, como para economia, política e a cultura.

Como escreveram a antropóloga brasileira Debora Diniz e a cientista política argentina Giselle Carino, em artigo para o El País, em março de 2020, portanto no começo da pandemia no Brasil: “A epidemia do vírus corona parece uma atualização das aulas de Michel Foucault sobre biopolítica, segurança e territórios”. Neste texto, elas definem a biopolítica como o poder que organiza as políticas da vida, isto é, táticas que regulam que corpos devem viver e quais podem ser descartáveis”.

A pesquisadora da Fiocruz Gracia Maria de Miranda Gondim, no artigo “Decifra-me ou te devoro: enigmas da Vigilância em Saúde na pandemia Covid-19” também recorre a Foucault: “Os ensinamentos do filósofo francês elucidam que as

---

consequências da curva explosiva de uma doença altamente contagiosa, em escala mundial, constituem conjuntura propícia ao exercício da biopolítica, que, em nome da proteção aos coletivos humanos, efetua o controle dos corpos, elimina singularidades territoriais e redesenha fronteiras reais ou imaginárias à saúde”.

A relação entre jornalismo e memória também emerge dos estudos de Zelizer (1992), que sustenta que a narrativa do passado será sempre constituída em parte como aquela que a mídia escolheu lembrar.

A narrativa do passado americano [ou de qualquer passado contemporâneo] será em parte a narrativa do que a mídia escolheu lembrar, a narrativa sobre como as memórias da mídia se tornaram a da própria América [ou de qualquer outro país]. Se não pela autoridade dos jornalistas, então certamente pela autoridade de outras comunidades, indivíduos e instituições que reivindicarão seus pontos de vista. É a partir desta competição que a história [e alguém pode acrescentar, cultura e memória] é feita (1992, p.214).

Cabe trazer aqui também as reflexões de Schudson (2014). Para o historiador da imprensa americana, o papel do jornalismo na construção da memória vai além dos eventos de grande repercussão. O autor argumenta que o jornalismo é, ao mesmo tempo, veículo e agente da memória social ao mostrar, sobretudo, como as pessoas agem no seu cotidiano. Ou seja, o ordinário é tão importante quanto o notório, articulando a relação entre mídia e cotidiano.

No mundo virtual, entretanto, cabe o questionamento: até que ponto links e posts de notícias contribuirão para a formação de memória ou para o esquecimento devido à efemeridade dos seus suportes e mensagens? Barsotti (2018) se propôs a refletir sobre a articulação entre memória e esquecimento no jornalismo. Para a autora, permanece no imaginário dos jornalistas por ela entrevistados a “missão” de fazerem primeiras páginas memoráveis, mesmo diante do cenário contemporâneo de consumo de notícias majoritariamente pelas redes sociais. A autora nota que o simbolismo da primeira página ainda permanece mesmo diante das transformações no cenário de mídia:

Primeiras páginas foram gritadas por pequenos jornaleiros nas ruas, mas seus gritos não foram efêmeros como várias notícias do dia fadadas ao esquecimento diante do fluxo incessante de acontecimentos que se sucedem dia após dia nas capas de jornais. Seus ecos são conservados e contribuem para construir a memória social. Primeiras páginas são reproduzidas como documentos históricos em

---

filmes, livros e exposições. E, até hoje, apesar da queda de circulação e audiência dos impressos, elas são lembradas nas redes sociais, sejam reproduzidas pelos próprios veículos, sejam compartilhadas pelos usuários (2018, p.148-149).

## **METODOLOGIA**

Neste trabalho, que faz parte de uma pesquisa mais ampla de doutorado, nossa maior preocupação foi realizar uma pesquisa exploratória para atestar a viabilidade de analisar a cobertura jornalística do primeiro ano da Covid-19 no Brasil dividindo-a por veículos de cinco regiões - A Crítica (Norte), Correio (Nordeste), O Globo (Sudeste), Zero Hora (Sul), Correio Braziliense (Centro-Oeste) - em três momentos distintos:

1. De fevereiro a março de 2020, quando a pandemia chegava ao país, provocando as primeiras mortes. 2. No mês de julho de 2020, quando a pandemia atingiu seu pico naquele ano. Desde o começo da pandemia, foi quando o país teve o maior número de mortes por Covid-19 em um único mês: 32.912 vidas perdidas. 3. Por fim, entre dezembro de 2020 e janeiro 2021, quando as notícias sobre a vacina traziam alguma esperança de que o pesadelo estaria chegando ao fim.

Para a pesquisa exploratória apresentada neste estudo, analisamos as manchetes e chamadas das primeiras páginas dos cinco jornais, em três dias diferentes, cada um de um período a ser analisado: 1º de fevereiro de 2020, o começo; 1º de julho de 2020, o primeiro dia do mês em que a pandemia atingiria seu pico naquele ano; 31 de dezembro de 2020, a expectativa pela vacina. Foram analisadas, portanto, 15 primeiras páginas.

No dia 1º de fevereiro de 2020, um sábado, a epidemia ainda era um assunto para a editoria internacional. Só um dos cinco jornais que são objetos desta pesquisa levou o tema à manchete do dia: “Brasil deve crescer menos com Coronavírus na China”, foi a manchete do CORREIO BRAZILIENSE. O GLOBO também estampou o assunto em sua primeira página, mas em uma chamada pequena: “EUA bloqueiam estrangeiros que viajam da China”. A CRÍTICA também tratou do assunto na primeira página, chamando para uma matéria sobre brasileiros vivendo na China. “Coronavírus: resgate de brasileiros é improvável”. O ZERO HORA publicou uma chamada pequena, mas já com uma notícia nacional: “Casos suspeitos de coronavírus sobem para 12 no Brasil”. Na capa do jornal CORREIO, da Bahia, não havia nenhuma menção à

---

pandemia. Jamais imaginaríamos, naquele momento, que chegaríamos a mais de 700 mil mortos.

Cinco meses depois, no dia 1ª de julho de 2020, a Covid-19 foi objeto de duas chamadas na capa do jornal O GLOBO. Mas não da manchete, dedicada ao pedido de demissão do ministro da Educação Carlos Alberto Decotelli. A situação da pandemia no país já era tão crítica que os brasileiros foram impedidos de entrar nos países da União Europeia. “Europa confirma veto à entrada de brasileiros”, foi a chamada do jornal carioca, seguida de outra, sobre o desemprego provocado pela crise gerada pela pandemia. “Na pandemia, 7,8 milhões perderam trabalho”. CRÍTICA também deu duas chamadas para a pandemia na primeira página. Nenhuma delas também como o assunto principal do dia. Mas um selo vermelho no alto da primeira página alertava: “País tem mais de 59 mil mortes por Covid”. No meio da primeira página, ao lado de uma chamada sobre a marca dos 700 gols de Messi, uma chamada menor, foto do alcaide de Manaus, Arthur Virgílio Neto, usando uma máscara, dava a notícia: “Prefeito está internado com Covid-19”. No jornal CORREIO, a notícia sobre a pandemia disputou espaço com uma foto impressionante de um carro todo furado de balas (guerra do tráfico), mas ganhou a manchete, que falava sobre as medidas de isolamento social: “Mais sete dias de restrições com novo cerco ao Centro”. No CORREIO BRAZILIENSE, a pandemia também não ganhou a manchete do dia, que chamava para uma matéria sobre a queda do Ministro da Educação: “Decotelli cai antes de tomar posse no MEC”. O ministro havia sido nomeado cinco dias antes. Mas a Covid ganhou destaque no meio da primeira página, com uma foto (a maior da capa) de um hospital e a chamada: “Em alerta, DF tem quase 50 mil casos de Covid-19”. A pandemia também foi assunto de uma chamada bem menor: “Cinema encara o vírus”. O ZERO HORA também optou por dar na manchete a queda do ministro Decotelli. O espaço para a Covid ficou restrito a duas chamadas pequenas no pé da primeira página. Ambas de Economia. “Planalto oficializa novas parcelas de auxílio emergencial” e “Desemprego sobe para 12,9% em maio e atinge 12,7 milhões de pessoas”.

Pouco mais de cinco meses depois, no dia 31 de dezembro de 2020, a pandemia era assunto de uma manchete trágica em A CRÍTICA. O jornal estampou no alto da primeira página a foto de uma escavadeira abrindo covas em um cemitério, com o título: “Vírus avança e órgãos solicitam fechamento”. No subtítulo, a informação de que o

---

estado, no dia anterior, registrara o maior número de pessoas internadas desde o início da pandemia: 718. O jornal O GLOBO estampou uma “Carta a 2021”, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, colunista do jornal, “dando as boas vindas ao ano que chega com esperança e lirismo”. Uma chamada pequena falava da expectativa com a chegada da vacina. “Fiocruz pedirá registro de vacina até o dia 15”. No ZERO HORA, a mensagem também era de esperança, com a foto de uma mãe com seus trigêmeos no alto da primeira página e o título: “Esperança em dose tripla”. A manchete era sobre a posse dos novos prefeitos: “Prefeitos assumem sob pressão de crise fiscal, pandemia e demanda por serviços”. No pé da primeira página, outras três chamadas para notícias sobre a Covid. Duas delas, sobre a vacina. No CORREIO BRAZILIENSE, a manchete também foi sobre a expectativa da chegada da vacina. “Anvisa afrouxa regras e vacinas ficam mais perto”. No jornal CORREIO, a manchete era sobre as “festas ilegais” que desafiavam as regras do isolamento social. “Trancoso vira palco do ‘Réveillon da confusão’”.

## RESULTADOS

Por essa amostra, de 15 capas, podemos tirar algumas conclusões sobre o fazer jornalístico no cenário da pandemia da Covid-19.

A primeira é sobre a escolha de cada veículo por um assunto diferente para estampar a manchete, mesmo quando o macrotema era a Covid-19. Embora, em sua maioria, as 15 capas analisadas tratassem da pandemia, os acontecimentos escolhidos para estar na primeira página e o destaque dado a eles, na maior parte das vezes, eram diferentes.

Sabemos que esse processo de escolha, de hierarquização dos acontecimentos, não passa apenas pela subjetividade dos jornalistas que ocupam posições de comando nas redações, pelas crenças ou gostos pessoais dos jornalistas (os gatekeepers), mas por outras questões como a política editorial e fatores de mercado. Questões que estão ligadas à teoria dos constrangimentos, originada dos estudos do sociólogo norte-americano Warren Breed (Breed, 1999).

Essa análise preliminar também nos dá pistas das diferenças regionais no enfrentamento da pandemia e de como essas diferenças, retratadas no mosaico de notícias formado pelos jornais, podem ser reveladoras dos diversos brasis que cabem

---

nesse país com dimensões continentais. Um exemplo claro é o do dia 31 de dezembro de 2020, quando a chegada da pandemia ao país estava perto de completar um ano. O clima dos jornais do Sudeste e Sul era de esperança com a chegada da vacina, enquanto em Manaus morria tanta gente que foram necessárias abrir covas rasas nos cemitérios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manchetes e as notícias escolhidas para estampar as primeiras páginas dos jornais, com o passar do tempo, se transformam em importantes documentos históricos e nos ajudam a contar a história da pandemia: do assombro com as notícias vindas da China e da Europa à expectativa pela vacina, passando pela grave crise que a doença provocou no país, na saúde, na política, na economia e na cultura.

A ideia de fragmentos constituidores de história está presente nas observações do jornalista Alberto Dines. Para ele, nas primeiras páginas dos jornais, estão presentes “fragmentos intermitentes e esgarçados” que “transformam-se em História”:

Nas manchetes e destaques, neste sistema de hierarquizar e relacionar o novo com o que é sabido, estão resumidas a arte e a ciência do jornalismo. Apesar de tanto esmero, ultrapassada a vigência e a vibração da edição, ela torna-se dispensável e descartável. Passado algum tempo, o milagre: a fênix renasce, aqueles fragmentos intermitentes e esgarçados somam-se e transformam-se em História (DINES, 1997, p. 6).

Este artigo, de forma introdutória, procurou mostrar que nas primeiras páginas dos principais jornais brasileiros, ao longo do primeiro ano da Covid-19, estão as pegadas que nos levarão a construir a memória do primeiro ano da pandemia. Fica a hipótese a ser trabalhada mais profundamente nessa pesquisa estendida que a releitura das notícias (fragmentos de memória), de várias partes do país, pode ser reveladora da forma desigual com que a pandemia afetou as cinco regiões.

Também fica claro que o jornalismo é um lugar de produção de memória e, como tal, um poderoso instrumento na luta contra o esquecimento, os silenciamentos, os apagamentos e o uso político da memória. Como diz Jeanne-Marie Gagnebin (2006), é “tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)”.

---

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu-Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v.7, n.13, p. 73-84, jul./dez. 2006. Disponível em [http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n13\\_Aguiar.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf)
- ANDERSON, B. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. Londres: Verso Editions, 1991.
- BARSOTTI, Adriana; AGUIAR, Leonel. As rotinas produtivas dos jornais: entre o imaginário e as teorias do jornalismo. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.9, n.1, p. 183-201, jan./jun. 2020. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/8543/6416>
- BARSOTTI, Adriana. **Uma história da primeira página**: do grito ao silêncio do jornalismo em rede. Florianópolis: Insular, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CARRO, R. **Digital News Report 2022/Brazil**. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2022. Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022&gt>
- DINES, A. Prefácio. In: \_\_\_\_ (Org.). **100 páginas que fizeram história**: grandes momentos do jornalismo brasileiro nos últimos 80 anos. São Paulo: LF&N, 1997, p. 6-7
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- MOUILLAUD, M. Da forma ao sentido. In: \_\_\_\_ e PORTO, S. D. (Org.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997. p.29-36.
- SCHUDSON, Michael. Journalism as a vehicle of non-commemorative cultural memory. ZELIZER, B. e TENENBOIM-WEINBLATT, K. (Orgs.). **Journalism and memory**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014. p. 85- 96.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2001.
- WEBER, M. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. **Lua Nova-Revista de Cultura e Política**, n. 55-56, p.185-194, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/a08n5556.pdf>

## PERIÓDICOS

A Crítica



Correio

Correio Braziliense

O Globo

Zero Hora